

EDUCAÇÃO



DAQUI PARA O FUTURO

ANDRÉ LUIS SALES*

DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2021.33511>

RESUMO Crises desvelam a natureza perecível do tempo e nos trazem de volta memórias de futuros esquecidos. A dimensão de oportunidade presente em nossos dias pandêmicos provém da intuição partilhada de que mudanças sociais são possíveis. Nesse ensaio, conecto tendências prefigurativas dos movimentos sociais contemporâneos com empreendimentos ousados feitos no Vale do Silício para prototipar o futuro da Educação. Faço isso usando uma teoria do desenvolvimento humano que aposta na dimensão colectividual da agência das pessoas sobre o mundo. Destacando a força disruptiva da imaginação e o poder político da criatividade, o ensaio convida o leitor a reconhecer e a se reapropriar da sua capacidade de inventar a si mesmo e ao mundo.

PALAVRAS CHAVE: Agência, Futuro, Criatividade

FROM HERE TO THE FUTURE

ABSTRACT Crises can highlight the perishable nature of time and bring the memories of forgotten futures back to humanity. If an opportunity exists amidst these pandemic days, it stems from the shared intuition that social changes are possible. In this essay, I connect prefigurative tendencies from contemporary social movements with audacious enterprises undertaken in Silicon Valley to prototype the future of Education. I do this by using a psychological theory of human development that focuses on the collectividual dimension of people's agency in the world. Underlining the disruptive power of imagination and the political quality of creativity, the essay invites the reader to recognize and take back its power to invent themselves while rewriting the world.

KEYWORDS: Agency, Future, Creativity

* Doutor em Psicologia, Pesquisador Associado ao Núcleo de Pesquisa em Psicologia Política do Programa de Pós Graduação em Psicologia na PUC/SP: andreluisfs@gmail.com

Daqui pro futuro falta só um piscar Que é pro tempo não mais nos enganar

Pato Fu, 2007

O título desse ensaio é o mesmo do oitavo álbum de estúdio da banda mineira Pato Fu. Na ocasião do lançamento, um agora longínquo 2007, em uma entrevista ao Jornal “O Tempo”, a graciosa Fernanda Takai dizia que as letras e melodias das onze canções ali apresentadas refletiam tanto a celebração dos quinze anos de trabalho conjunto, quanto um desejo de participar ativamente da construção dos tempos porvir. Tateando timidamente uma realidade que em 2021 já é uma velha conhecida de quase todos nós, ela constatava: “essa expressão, Daqui pro Futuro, significa muito se a gente pensar que estamos vivendo essa virada na forma de se fazer música, se a gente pensar como ela é construída hoje em dia, digitalmente, no celular”¹.

A transformação a que Fernanda se refere extrapolou e muito o campo da música. Antes da aparição da COVID-19, já caminhávamos firmes rumo a um tempo acelerado onde a tecnologia ganhava cada vez mais espaço nas nossas formas de amar e trabalhar. Tendo vivido dois anos sob a batuta de uma virtualidade frenética somos obrigados a revisitar outros versos cantados desde 1992 pelo Patu Fu: “tempo, tempo mano velho, falta um tanto ainda eu sei pra você correr macio”².

A pandemia de Corona vírus tirou de nós o direito de ser fatalistas. Crises como a que estamos atravessando agora são momentos em que a natureza perecível do Futuro fica evidenciada. Enquanto lidamos com as turbulências causadas pelas disrupções no senso de continuidade dos dias, somos convocados a lembrar que a racionalidade do normal é escrita continuamente através do engajamento ativo e intencional das pessoas na manutenção do status quo. Boa parte das ações perpetradas pelo poder executivo federal brasileiro desde 2019 para converter a pátria educadora em pátria amada têm mostrado também a importância da imagem de futuro com a qual se está compromete-

1 BARBOSA, D. O futuro agora. O tempo. 2007. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/o-futuro-agora-1.312276>. Acesso em 17 de Janeiro de 2022.

2 Pato Fu. Sobre o tempo. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pato-fu/30233/>. Acesso em Acesso em 17 de Janeiro de 2022

tido na construção das ações do presente. Em suma, todas as adaptações, reorganizações e reconstruções demandadas em nossas vidas diárias pela revolução conservadora encampada pelo Messias na presidência do país e pelo inoportuno SARS-CoV-2 recolocam na cena um fato muitas vezes esquecido: é possível reescrever o normal e construir novas memórias de futuro.

Esse ensaio introduz o conceito de prefiguração e discute uma compreensão psicológica de como o Futuro é criado para resgatar a importância das atividades intencionais humanas no processo de construção de nós mesmos e da realidade na qual viveremos amanhã. Feito isso, o texto apresenta um Workshop desenvolvido pelo Institute for the Future na Califórnia em 2016 no qual os participantes foram convidados a prototipar a educação no ano de 2026. Na conclusão, o fio do argumento é retomado para apresentar questões fundamentais para aqueles que desejam participar ativamente do fim do mundo e da reconstrução do futuro.

Desinterditar o Possível

A ideia de práticas préfigurativas foi amplamente apresentada a “pessoas da sala de jantar ocupadas em nascer e morrer”³ pelos jovens indignados que tomaram as ruas brasileiras depois de junho de 2013. Além de rejeitarem a alcunha de militantes – preferindo o termo ativista (SALES, FONTES, YASUI, 2018) - muitos deles mantinham bem perto de si o desejo de experimentar em suas atividades cotidianas, em seus modos de organizar protesto e nas formas de se relacionarem entre si, o mundo no qual eles gostariam de viver. Nos anos seguintes, os pesquisadores estudando as transformações nas gramáticas de protesto no Brasil e no mundo descobririam que a ideia de prefiguração podia até ser nova para muitos, mas não era inédita entre aqueles que se esforçam para reescrever as normas do seu tempo (Bringel, Sposito, 2020; Sales, 2021). Ela frequentava os meios anarquistas desde o fim do século dezenove, havia sido importante na construção do repertório de protesto empregado pelos participantes do movimento pelos direitos civis estadunidense nos anos sessenta do século

3 Alusão a música “Panis et Circencis” do grupo brasileiro Mutantes. Disponível em <https://www.vagalume.com.br/os-mutantes/panis-et-circencis.html>. Acesso em 17 de Janeiro de 2022.

vinte e também no modo de insurgir-se do exército zapatista de libertação nacional no México (SALES; FONTES, 2020).

Práticas préfigurativas são tentativas de experimentar no tempo presente instituições, modos de vida, e formas de relação afinados ao mundo utópico que se deseja construir. A ideia é simples, e como de costume, simples na teoria, complicado nas práticas. Anna Cecília Dinnerstein entende prefiguração como “a arte de organizar esperança”⁴ (DINERSTEIN, 2015). O termo arte chama atenção para a multiplicidade de processos e de habilidades mobilizados no uso programático da esperança para afirmação de que outros mundos cabem no nosso mundo. Esse saber-fazer é aprendido e apreendido coletiva e cumulativamente através do uso intencional das escolhas cotidianas para produzir aqui e agora a realidade na qual se deseja viver amanhã. Stetsenko (2021) esclarece que tais práticas recolocam os humanos como agentes produtores da história pois enfatizam “a construção do futuro em e por meio das atividades e das ações atualmente em andamento”(p. 13). Movidos por esse compromisso prefigurativo, sujeitos não esperam por condições ideais ou futuros impossíveis, mas mobilizam o que podem no tempo presente para construir em grupos aqui e agora as mudanças que desejam ver acontecer. Em suma, esse modo de ação expressa um compromisso estratégico, ético e pragmático, de mover-se com princípios e propósitos daqui rumo ao futuro que se deseja habitar, criando a si mesmo e o mundo utópico ao longo do caminho.

Em Novembro de 2015, um levante juvenil ocorreu no sistema de ensino médio público do estado de São Paulo (SALES et al., 2020). Prédios públicos foram ocupados por estudantes, professores e outros membros da comunidade escolar em resposta a um plano de reestruturação das ofertas de ensino – nome pomposo para descrever o fechamento de escolas públicas em nome do aumento da eficiência do gasto público e de uma celeridade administrativa duvidosa. Em vez de usarem seu tempo para se opor de forma reativa ao desmonte escolar, ou reafirmar as limitações e falhas do sistema público de ensino, os jovens ativistas levantaram-se contra a decisão opressiva do governo estadual tentando responder a seguinte pergunta: e se nós reconstruíssemos a nossa escola aqui e agora?

Aulas regulares, nas quais o conteúdo parecia muito distante da vida cotidiana,

4 Todas as traduções foram feitas pelo autor.

foram substituídas por um currículo moldado pelos alunos visando atender suas preocupações e necessidades mais imediatas. Usando os recursos disponíveis nas comunidades e convidando pais, professores e outros membros do território onde a escola se encontrava a atender aulas abertas promovidas por eles, ocupantes debateram política, economia, machismo, arte e sexualidade além de outros tópicos relevantes para o andar da vida cotidiana. Uma aluna em uma escola ocupada me convenceu da força do modo prefigurativo de tentar transformar o presente me dizendo o seguinte:

Eles disseram que nós não conseguiríamos coisa alguma, que éramos muito jovens para tentar, que éramos muito imaturos, que éramos irresponsáveis. Mesmo assim, nós criamos aqui um tipo de escola que nem o Estado, nem o mercado foram capazes de criar. Nós criamos uma escola cheia de cultura na qual os alunos estão no comando (LUTE..., 2016).

A enciclopédia Willey de Protesto e Movimento Social classifica experimentos prefigurativos como um traço característico das formas contemporâneas de contestação das normas sociais. Trata-se de uma forma de engajamento na conflitualidade social pela via da transformação de si, dos seus, e do ambiente no qual se vive. “Ativismo prefigurativo demanda tomar a política de forma pessoal – seja através de mudanças de estilo de vida e do desejo de que essas mudanças se espalhem, ou da produção de arranjos organizacionais ideais entre aqueles que compõem o grupo ativista” (SAUNDERS, 2013, s/n). Os ativistas engajados na AIDS Coalition to Unleash Power (ACT-UP) vêm usando práticas prefigurativas em suas táticas de ação direta para enfrentamento da epidemia de AIDS desde 1980.

Criada em resposta ao efeito mortífero da falta de atenção governamental à epidemia de HIV, essa aliança não partidária de diversas organizações comunitárias segue comprometida em melhorar as condições de vida daqueles vivendo com o vírus. Sua estratégia está alicerçada na possibilidade de aumentar a autonomia dos sujeitos manejando direta ou indiretamente a AIDS enquanto trabalha pelo fim da epidemia do HIV. Desde sua fundação, a organização adota uma compreensão da realidade social que “condena as tentativas de rotular as pessoas vivendo com HIV como vítimas, um termo que implica derrota”⁵. Para organizar a esperança por dias menos dolorosos e responder a uma enfermidade violenta, altamente estigmatizante e fatal, os membros do ACT-UP aprenderam sobre ciência, farmacologia, cuidados paliativos, política e

5 People With AIDS Coalition, 1983. The Denver Principles. Disponível em: <https://bit.ly/33OPpiq>. 17 d.

protesto. Lidando com uma doença desconhecida, movidos por uma urgência de não morrer, trabalhando arduamente para que seus amores e amigos vivessem mais tempo, convencidos da impossibilidade de esperar do governo de Richard Nixon a atenção devida ao problema, coube aos ativistas do ACT-UP prefigurar coletivamente no presente um futuro impossível no qual as pessoas vítimas daquela epidemia receberiam atenção e cuidados integrais. Foi assim que o grupo se tornou uma referência para construção das diretrizes das políticas para tratamento do HIV nos Estados Unidos e no mundo (SCHULMAN, 2021).

Pesquisando o ativismo prefigurativo do ACT-UP, tenho frequentado as tradicionais reuniões do grupo nas segundas-feiras à noite. Em Maio de 2020, enquanto Nova Iorque ostentava o título de epicentro global da pandemia de COVID-19, Jim Eigo, um ativista que participou da construção das diretrizes federais estadunidenses para pesquisas sobre HIV, resumiu em um decálogo, os princípios usados por eles na construção de uma resposta à epidemia de AIDS⁶ no contexto negacionista da gestão Nixon. Uma premissa sustenta os princípios listados e sintetiza a aposta das ações prefigurativas: aja como se você tivesse poder para produzir realidade.

Ao longo do ano de 2020, a impossibilidade de expandir acesso a serviços de saúde e os riscos fatais decorrentes de uma possível intervenção Estatal sobre a economia foram desafiados em paraísos do neoliberalismo como os Estados Unidos. Os efeitos nocivos do paradigma de livre mercado absoluto foram questionados não só por ativistas, mas por instituições como a Organização Mundial de Saúde e o Fórum Econômico Mundial. Na edição de Julho daquele ano do relatório elaborado pelos economistas chefes do Fórum, havia tanto o reconhecimento de que a iniquidade global se agravava em decorrência da pandemia, quanto a recomendação consensual de que esse problema precisaria ser tratado a partir de uma reforma estrutural na arquitetura de tributação dos países para que o Estado recuperasse parte da sua capacidade de ação e investimento.

Interpretando a pandemia como uma oportunidade singular para intervenção na imoral concentração de renda – agravada pelo contexto pandêmico – esse mesmo relatório defende a importância de aumentar medidas de proteção social como método para evitar danos graves ao futuro. Ele ainda informa, tentando minorar a mudança

6 Disponível em: <https://actupny.com/are-you-ready-to-act-up>.

de tom contida na recomendação, que “ uma pequena maioria daqueles economistas que responderam a pesquisa que embasa a escrita do relatório acreditam que alguma forma de renda básica incondicionada deve permanecer como parte do kit de proteção social depois da crise” (WORLD ..., 2020, p. 11).

Até Maio de 2020, 23 países de América Latina – região que nos últimos cinco anos tem experienciado uma ascensão de governos comprometidos com a modernização da economia através da redução do Estado a sua dimensão policial – haviam desviado desse projeto de futuro via Estado indiferente às necessidades dos cidadãos e implantado programas de transferência de renda direta como forma de mitigar os impactos acachapantes da pandemia na vida de seus cidadãos (COMISSÃO, 2020). No Brasil, essa medida foi implementada a contragosto pelo governo defensor da austeridade fiscal e da violência policial através de uma política de transferência de renda em grande volume: o Auxílio Emergencial.

Esse impossível – transferir renda à aproximadamente 49% da população brasileira segundo dados do IBGE (CARVALHO, 2020) — foi regulamentado inicialmente por três meses pela Lei 13.982 em abril de 2020 (BRASIL, 2020a) e estendido por outros dois através do Decreto Presidencial 10.412 em junho de 2020 (BRASIL, 2020b). Trabalhando como se tivessem poder para desviar a proposta lamentável do governo federal de pagar 200 reais aos desalentados pelos efeitos da pandemia, congressistas e diversas entidades nacionais afirmaram um futuro onde os cofres do governo federal poderiam garantir por cinco meses pelo menos 600 reais para brasileiros no mercado de trabalho informal e também desempregados.

Mudanças discursivas como a do relatório do Fórum Econômico Mundial e experimentos sociais como o Auxílio Emergencial desvelam a natureza construída e mutável dos modos de vida prevalentes em um determinado contexto histórico. Tais acontecimentos nos reconectam com memórias de um futuro esquecido, um futuro que nos parece irrealista hoje por partilharmos desavisadamente a “crença que o capitalismo seja o único sistema político ou econômico viável [é] uma simples reafirmação da antiga máxima thatcherista: ‘Não há alternativa’”(FISHER, 2020, s/n)⁷.

A pandemia leva muitos de nós a reconsiderar aquilo que está inserido no campo dos impossíveis. Tendo em vista as tantas mudanças rápidas e inesperadas que fomos

7 FISHER, M. Não há honra no Fracasso. Jacobin Brasil. 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/01/nao-ha-honra-no-fracasso>.

obrigados a fazer ao longo dos últimos 30 meses para dar conta dos dias, cada um de nós tem sido convidado a pensar sobre como seus compromissos e atividades diárias sustentam o modo que temos vivido e produzem o amanhã em que viveremos. Como usar a força disruptiva desse momento para nos lembrar que isso que chamamos realidade hoje é apenas uma das muitas possibilidades de vida social, econômica e política?

Honrar o passado

Entre 1998 e 2001, durante o segundo mandato de Bill Clinton na Casa Branca, Hillary Clinton coordenou o Conselho do Milênio. Esse grupo de trabalho foi criado para organizar ações cooperativas entre a federação, os estados e os governos municipais visando celebrar o passado dos Estados Unidos e imaginar os desafios e as oportunidades trazidas pelo século XXI. Geralmente, quando pensamos em honrar e respeitar algo, como as tradições, por exemplo, a primeira ideia que nos ocorre é a de preservar esse objeto significa evitar a todo custo que ele mude. A proposta do Conselho do Milênio, as práticas prefigurativas e o argumento que estou defendendo nesse ensaio apontam na direção oposta. Se desejamos honrar algo, devemos estar dispostos a usá-lo na construção do futuro. Quer dizer: para preservar algo é preciso mudá-lo.

Todas as mudanças dramáticas que tivemos de realizar ao longo de 2020 podem ter ajudado-nos a intuir que as formas de viver, ensinar, aprender, trabalhar e se relacionar disponíveis em um determinado momento histórico envolvem decisões humanas e, portanto, podem acontecer de outro modo (STETSENKO, 2017). É urgente transformar essa intuição em ações que devolvam a nossa capacidade de prefigurar os tais outros mundos possíveis de que se falava no Fórum Social Mundial no início desse século lá em Porto Alegre. Em tempo, preciso sublinhar que não estou falando de livre arbítrio absoluto, ou escolhas individuais feitas na ausência completa de constrangimentos sociais e naturais. Também não estou dizendo que assumir uma posição agentiva em relação ao Futuro é apenas uma questão de força de vontade pessoal. Estou reconhecendo e destacando, contudo, que as ações e compromissos assumidos por todos, e cada um de nós, aqui e agora são os tijolos que constroem o estado corrente do mundo e o Futuro em que viveremos. Meu argumento se opõe a interpretações

fatalistas de teorias marxistas prevalentes entre sujeitos na margem esquerda do espectro político brasileiro e retoma a memória de que: nossas escolhas e as atividades são os ingredientes que nos fazem humanos e que definem possíveis e impossíveis, em momentos específicos do tempo.

Boa parte dos itens que compõem a paisagem dos nossos dias hoje foram um dia impossíveis. Para além do clichê neoliberal de que se imaginarmos e trabalharmos bastante tudo se consegue, é inegável que a habilidade para conceber ideias e artefatos que não estão presentes na realidade imediata é um recurso fundamental na capacidade dos humanos de se adaptarem ao desconhecido. Esse fato foi apontado por Vygotsky há mais de um século em seus estudos sobre “Imaginação e Criatividade na Infância” (VYGOTSKY, 2004). Ele insistia que

“absolutamente tudo ao nosso redor criado pelas mãos humanas, todo o mundo da cultura humana sendo algo distinto do mundo natural, tudo isso é o produto da imaginação e da criação baseada em imaginação” (VYGOTSKY, 2004, p. 9).

Para ele, a imaginação era uma força inventiva que, quando materializada em atos criativos, orientava os humanos rumo ao futuro.

Ao longo dos últimos trinta anos, o debate sobre desenvolvimento humano tem privilegiado determinações genéticas, constrangimentos sociais e forças hormonais. O entendimento vigente tende a assumir, explícita ou implicitamente, passividade e adaptação a um mundo estático como a forma básica através da qual nos tornamos quem somos (KOOPS, KESSEL, 2017). É quase como se as questões “de onde viemos?”, “como nos tornamos humanos?” e “para onde devemos ir?”, pudessem ser facilmente respondidas pelos resultados de um teste de DNA vendido na Amazon. Essas abordagens fatalistas não têm muito a dizer sobre como as práticas colaborativas e o engajamento em atividades compartilhadas podem afetar o curso do desenvolvimento dos sujeitos e do mundo. Trabalhando com as premissas vygotskianas e alargando os limites da Cultural Historical Activity Theory (CHAT), Anna Stetsenko foca sua teorização no papel ativo e agente desempenhado pelas atividades compartilhadas no processo através do qual nós nos tornamos humanos. Seu argumento nos leva a reconhecer a centralidade da agência e da colaboração não apenas na adaptação humana às normas vigentes, mas também na reinvenção e reconstrução do status quo.

A Transformative Activist Stance (TAS) (STETSENKO, 2017), a teoria sobre desen-

volvimento humano e subjetividade que tem organizado meus estudos sobre o ativismo prefigurativo brasileiro (SALES et. al, 2020), compreende o processo de crescimento e desenvolvimento humano como “completamente imerso em práticas colaborativas” e

“co-constituído pelas contribuições ativas de cada um dos indivíduos para essas práticas” (STETSENKO, 2019, p. 148).

Combinando insights da psicologia soviética, perspectivas pós-coloniais contemporâneas e epistemologias feministas, a TAS defende que o processo através do qual nos tornamos humanos é movido pela agência colectividual. Esse neologismo, além de marcar a inadequação de assumir antagonismo entre as dimensões individuais e coletivas, nomeia o terreno dinâmico produzido por, e através do, incessante processo onde as pessoas formam, reformam e transformam seus mundos coletivamente, ao mesmo tempo em que são formadas, reformadas e transformadas por eles (STETSENKO, 2022).

De acordo com TAS, a agência humana é “situada e formada coletivamente” (STETSENKO, 2020, p.7) dado que cada pessoa age ao mesmo tempo, como um membro da comunidade cultural de que participa e de uma posição singular em relação às normas e conflitos dessa comunidade. Essa perspectiva revisa premissas ontológicas dualistas sobre como nos tornamos humanos⁸ para

“reivindicar indivíduos como atores sociais — cocriadores de práticas das comunidades e nossa história comum (...) que ganha[m] seu status ao contribuir para as práticas sociais e ao desempenhar um papel nelas” (STETSENKO, 2022, p. 18).

Colocar o problema da agência dentro do binômio determinação-livre arbítrio (EMIRBAYER, MISCHÉ, 1998) é apostar na imutabilidade dos sujeitos e do mundo e perder de vista que, agência é nada “menos que o papel de construção do mundo e da história” (STETSENKO, 2020, p.7) executado pelos humanos através de suas atividades e compromissos com um mundo que segue em movimento e transformação.

8 Interessados em ler sobre TAS em língua portuguesa podem se consultar: a) STETSENKO, A. Ético-ontologia epistemologia ativista: pesquisa e estudo de resistência. In: ANPEd. Ética e pesquisa em educação: subsídios. v. 2. Rio de Janeiro: ANPEd, 2021. p. 1-9; VIANNA, E.; STETSENKO, A. Compromisso e posicionamento: ética em pesquisa ativista transformadora. In: ANPEd. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Ética e pesquisa em educação:

Estudando a função da imaginação no comportamento criativo, Vygotsky entendeu que criatividade é simplesmente a capacidade intencional de combinar elementos separados para tornar real algo que não existia antes. Ele compreende essa capacidade como essencial à relação dos sujeitos com o mundo ao dizer que

“ a imaginação, pela virtude das forças e dos impulsos que contém, tende a se tornar criatividade, quer dizer, a transformar ativamente o que quer que ela seja direcionada para” (VYGOTSKY, 2004, p.41).

Desenvolvendo essa idéia, TAS afirma: é através do nosso compromisso com futuros-desejados, futuros imaginados que não estão aqui ainda mas os quais nós nos esforçamos para criar, que os humanos agentiva e colaborativamente se movem em direção a esses Futuros enquanto os vão criando ao longo do trajeto. Nessa perspectiva transformadora, as pessoas não são concebidas nem como habitando passivamente um mundo pronto, nem como um mero produto das macro estruturas. Por isso, a imaginação torna-se um elemento crucial na construção da ação política por envolver

“ a habilidade das pessoas de visualizarem aquilo que não existe ainda, de antever o que eles acreditam ser necessário criar e lutar por (...) desafiando o presente e se movendo para além do status quo” (STETSENKO, 2015, p.185).

Stetsenko, nascida na extinta União Soviética e hoje radicada em Nova Iorque, é uma pesquisadora marxista que abraçou o desafio de desenvolver uma psicologia materialista e não um materialismo psicológico. Sua vida foi marcada por transmutações geográficas, culturais e de linguagem. Seu trabalho carrega essas marcas e expressa o compromisso em fazer da ciência uma ferramenta de transformação social para a equidade. Ela desenhou uma imagem elegante e inspiradora para ilustrar essas ideias.

Nós não somos apenas passageiros no móvel trem da história — como se estivéssemos apenas vislumbrando a rápida mudança de paisagem no lado de fora, como quem simplesmente observa, ajusta-se e adapta-se a isso que acontece. Na verdade, o trem é feito para se mover, e ele se move de forma concreta ainda que em uma direção fluida e sempre em transformação, através dos esforços coletivos das pessoas que agem juntas, com cada pessoa sendo importante para esse movimento, a cada passo do caminho, a cada momento da história (STETSENKO, 2017, p.18).

Seguir o Futuro

Supondo que falar de práticas de protesto de um grupo minoritário tentando sobreviver a AIDS nos anos oitenta do século passado soe muito idealista, ou ainda que as ideias de uma psicóloga soviética vivendo na meca do capitalismo pareçam pouco pragmáticas, deixe-me, então, apresentar a leitora ao Institute for the Future⁹ – IFF, e ao Workshop Learning is Earning 2026. Criado em 1968 e sediado em no Vale do Silício na Califórnia, essa think tank tem como missão preparar governos e organizações para reconhecer tendências, prototipar mudanças e antecipar futuros através de técnicas interdisciplinares de pesquisa e educação. Future forecasters, profissionais com capacidade treinados pelo IFF para antecipar futuros, orientam empresas e governos a se preparar pra mudanças prováveis, bem como desenvolver habilidades para manejar a incerteza e a volatilidade característicos do momento histórico que vivemos. Em um dos futuros prototipados pelo IFF diversas experiências com potencial educativo seriam mensuradas na forma de edublocks — “uma espécie de moeda digital que conecta todos os aspectos das nossas vidas” — por uma plataforma chamada ledger¹⁰. Esse futuro possível, localizado em um provável 2026, foi o cenário do Workshop Learning is Earning.

Ao longo dos mais de cinquenta anos de existência, o IFF vem ajudando sujeitos e organizações a participar ativamente da construção do Futuro através de uma metodologia embasada nas seguintes diretrizes: a) identificação de sinais de mudança; b) avaliação de como necessidades e recursos postas no presente tensionam os limites do que consideramos possível hoje; c) análise de fatos passados em busca de padrões de inovação e transformação; d) imaginação ativa e design criativo de artefatos e tecnologias para endereçar demandas emergentes; e) desenho de projetos de futuro passíveis de serem implementados em ações de curto, médio e longo prazo.

9 O site do instituto oferece maiores detalhes bem como atividades gratuitas através das quais é possível entender não proposta de trabalho do instituto como a metodologia usada por eles. <https://www.iftf.org/home/> Acesso em 20 Janeiro 2021.

10 O website onde o workshop foi hospedado foi tirado do ar em janeiro de 2021. Contudo, ainda é possível acessar os vídeos apresentando a proposta no youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=Zssd6eBVfwc>. Acessado em 20 de Janeiro 2022.

Como já atestado nos estudos vigotskianos, a capacidade dos humanos de criarem algo novo está relacionada às experiências com o mundo. Assim, a ideia do *ledger* dos *edublocks* para educação foi construída sobre fatos e ideias já presentes entre nós. Por exemplo, há um debate em curso sobre como medir o desempenho de alunos em unidades digitais e diminuir a centralidade de professores humanos e instituições formais no processo. No site do *Instructional Management Systems (IMS) project* – um consórcio de instituições educativas e tecnológicas desenhado para compreender, avaliar e implementar estratégias de aprimoramento educacional com base em ferramentas tecnológicas é possível ler:

As Certificações Digitais estão remodelando a forma como compreendemos desenvolvimento educacional e profissional por possibilitar controle vitalício por parte daquele que aprende de competências baseadas em evidências e resultados, além de permitirem a transição entre aprendizagem baseada em padrões para aprendizagem baseada em competências¹¹

O *Workshop Learning is Earning 2026* aconteceu em março de 2016, foi desenhado como um jogo colaborativo com duração de 36 horas e visava explorar tendências postas e possibilidades emergentes no campo da educação. O jogo objetivava explorar limites, possibilidades, oportunidades e riscos decorrentes da explosão das fontes para auto-instrução (plataformas educativas não ligadas a instituições formais de ensino, vídeo auto-instrutivos em plataformas digitais, comunidades de autodidatas em redes sociais, dentre outros), da diminuição dos postos de trabalho exigindo certificação formal de educação, do descaso dos nativos digitais – Geração Z, pessoas nascidos entre 1995 e 2015 – pelas formas institucionalizada de ensino, da rápida transformação das habilidades e competência demandas pelos novos postos de em diversas áreas, dentre outros.

O jogo, desenvolvido pelo IFF em parceria com a *ACT Foundation*¹² - instituição não governamental estadunidense dedicada a construção de soluções para diminuir as iniquidades no campo educativo – foi criado para que alunos e educadores nos Estados Unidos imaginassem e prototipassem juntos um futuro no qual todas as ativida-

11 Disponível em : <https://www.imsglobal.org/institutions.html> . Acesso em 20 jan. 2021.

12 Disponível em: <https://www.act.org/content/act/en/about-act.html>. Acesso em 20 jan. 2021.

des humanas pudessem ser convertidas em unidades de educação formal¹³. O cenário apresentado os jogadores, o qual ficou disponível em um site público até Janeiro de 2021, era as seguintes:

Se tecnologias como edublocks e o Ledger da aprendizagem realmente existissem.... e se um bilhão de pessoas estivessem usando esses recursos para renovar as relações entre como elas aprendem, trabalham e vivem, o que poderia ser diferente? O que você mudaria na sua escola, no seu trabalho, na sua empresa em sua vida?

A descrição desse contexto apresenta duas pistas cruciais para entender as condições sob as quais é possível adotar uma postura ativa na construção do futuro. Primeiro, o ponto de partida é sempre um sujeito situado em uma comunidade de pares com quem se partilha ferramentas culturais. Não foi por acaso que as instruções mencionaram o número de pessoas – um bilhão delas – já usando edublocks. Ninguém pode produzir o futuro sozinho, ou sozinha, afinal é preciso uma comunidade com quem partilhar sentido e apostar junto que amanhã poderá ser outro dia. Segundo, imaginação e criatividade serão sempre recursos vitais para trazer os Futuros para a realidade do Presente.

A interface do jogo era semelhante a que conhecemos nas redes sociais. Cada usuário poderia postar texto em um feed, e essa postagem seria exibido para os demais participantes do jogo. A utopia das quais as pessoas partiam era a seguinte: o Ledger contém os registros de tudo o que você aprendeu, de todos os que te ensinaram algo e de todos a quem você ensinou alguma coisa. Nesse cenário, o jogo pedia que elas se tentassem responder perguntas como essas: que coisas incríveis poderiam acontecer na sua comunidade? Que desafios seriam trazidos por essa tecnologia e como poderíamos resolvê-los?

Quando um futuro imaginado era compartilhado nesse feed, o jogo pedia que os demais jogadores: a) convidassem o propositor daquela imagem do futuro a dar mais detalhes da idéia; b) propusessem ações concretas a serem tomadas, ou evitadas, para trazermos para a realidade do presente aquela imagem de futuro; c) se engajassem na proposição do outro para elaborá-la a partir do seu próprio ponto de vista; d) desafiassem a imagem proposta através da identificação das limitações presentes nela; e)

13 A lista de videos no qual parte desses cenários são apresentados segue disponível e pode ser acessada em <https://www.youtube.com/playlist?list=PL-btGm2o3iBjVIUYB3HBf1H95Vj6uZPsd> Acesso em 20 janeiro 2021.

subvertessem a ideia usando a para propor algo diferente. Esse repertório de interações possibilitava que as pessoas imaginem futuros coletivos com, contra e para além dos outros. Mas o que imaginação e criatividade significam exatamente nesse contexto? Mais ainda: como esses dois processos se combinam na ativação de futuros desejados?

De forma simples, imaginação é o processo mental de divagação, de construção de imagens e investigação de possibilidades através do pensamento e não leva necessariamente a produção de um objeto ou pensamento partilhável. Enquanto isso, criatividade está associada a ação, e tende a gerar um resultado concreto partilhável. Produzir futuros coletivamente mobiliza esses dois recursos e demanda uma sinergia entre eles. Os propositores do Workshop Learning is Earning 2026 estavam completamente cientes disso ao incentivar os usuários a dividirem as imagens, sonhos e desejos de futuro, engajando-se assim na transformação dos próprios devaneios em objetos partilháveis e na lapidação das imagens de futuro projetadas pelos outros participantes.

Vlad Petre Gl veanu (2018), discutindo os modos como visualizamos futuros coletivos distingue dois modos de fazê-lo.

“Imaginar com os outros alicerça-se na troca tanto de posições quanto de perspectivas visando atingir algum tipo de consenso” (GL VEANU, 2018, p.86).

Por outro lado,

“imaginar para além dos outros também está centrada no diálogo enquanto se esforça para manter a diversidade e para acomodar as diferenças” (GL VEANU, 2018, p.90).

Durante as 36 horas nas quais o workshop aconteceu, 2641 sujeitos comprometidos com a pauta da educação trabalharam criativamente e coletivamente na prototipagem e prefiguração de um futuro coletivo capaz de abrigar suas ideias, preocupações, sonhos e desejos¹⁴.

14 O produto desse workshop é um mapa das zonas de futuro através dos quais indivíduos e organizações podem se informar e decidir sobre quais decisões tomar com vistas a produção desses futuros. O material pode ser acessado gratuitamente nesse endereço: <http://tiny.cc/2hqwtz> Acesso em 28 abr. 2021.

Pro tempo não mais nos enganar

Retomo os versos do Pato Fu no título dessa sessão de encerramento pois música e poesia há muito se sabem grávidas de possíveis. Essas ferramentas carregam valores, histórias e memórias interditas sendo, por isso, recursos vitais para arejar uma realidade que, em muitos dias, nos impede de respirar. A temporalidade acelerada da vida nas cidades, essa na qual parecemos marchar decididos rumo em a um presente unidimensional sem fim, tem feito muitos de nós achar que o tempo é um cão a nos assombrar e deprimir (KEHL, 2009).

Momentos como os que vivemos ao longo de 2020 fazem o impossível se tornar urgente e nos convocam a domar esse cão que nos intimida e a transformá-lo em um aliado para a jornada. A intensidade dos problemas, o caráter transnacional de muitas deles, e a velocidade das transformações políticas, econômicas e sociais que temos vivido no Brasil e no mundo têm nos movido em direções que nos pareciam inconcebíveis antes do corona (A.C). Tudo isso têm reforçado a intuição velada, e silenciada por anos de aposta nas determinações estruturais, de que é possível mudar a nós mesmos e a nossa realidade. A possibilidade de converter a intuição de que outro mundo é possível – aquela que pareceu pairar em redes sociais, podcasts e anúncios publicitários nos meses nos quais circulava entre nós a ideia de “um novo normal” – em ações que reescrevam as normas governando nossos dias, pede que reconheçamos a parte que nos cabe na construção da realidade de que nos queixamos. Quer dizer, precisamos assumir nossa responsabilidade no, e para com, o mundo, até porque não há planeta B.

Resgatar as memórias de luta do ACT-UP, conectá-la aos esforços prefigurativos dos jovens ativistas brasileiros e escrutinar a intenção empreendedora do Institute for the Future serviu para sublinhar a importância de decisões singulares, intencionalidade e engajamento coletivo como instrumentos que nos ajudam a domar o tempo, e assumir uma postura menos passiva em relação ao futuro. Repensar a base do nosso entendimento sobre desenvolvimento humano enfatizando a centralidade da imaginação, da agência, da colaboração e da criatividade na construção de futuros esquecidos, utópicos ou improváveis é também um convite para repensarmos certos otimismo ingênuos e pessimismos desavisados com os quais estudamos, pesquisamos e compreendemos os nossos dias.

Descortinar a natureza construída do futuro em direção ao qual caminhamos, diz pouco sobre a forma e o conteúdo que prevalecerá nesse futuro. Enquanto houver diversidade entre os humanos essa questão seguirá aberta e em disputa. Frente a impossibilidade de legislar sobre como o leitor entrará nessa disputa recomendo, a quem deseje se conectar a dimensão colectividual da sua agência, atenção redobrada as seguintes questões: a) quem sou eu agora? b) o que eu gostaria de mudar na minha realidade se eu tivesse o poder de fazer isso acontecer? c) quem são os meus aliados potenciais para trazer essas transformações para os meus dias? d) quem eu quero ser no futuro? e) o que eu quero que a realidade seja no futuro?

Referências

BRINGEL, B., SPOSITO, M. P. Apresentação do Dossiê. *Educação & Sociedade*, V 41, p. 01 – 09. 2020.

KEHL, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. Boitempo: São Paulo, 2009

EMIRBAYER, M.; MISCHE, A.. What Is Agency?. *The American Journal Of Sociology*, [s.l.], v. 103, n. 4, p. 962-1023, jan. 1998.

GL VEANU, Vlad Petre. *Perspectival Collective Futures: Creativity and Imagination in Society*. In: SAINT-LAURENT, C; OBRADOVI, S; CARRIERE, K (ed.). *Imagining Collective Futures*. [s.l.]: Palgrave Macmillan, 2018. p. 83-105. (Palgrave Studies in Creativity and Culture). Disponível em: 10.1007/978-3-319-76051-3 5. Acesso em: 30 abr. 2021.

BRASIL. Decreto nº 10.412, de 30 de junho de 2020b. Altera o Decreto nº 10.316, de 7 de abril de 2020, para prorrogar o período de pagamento do auxílio emergencial de que trata a Lei nº 13.982, de 2 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.412-de-30-de-junho-de-2020-264424956> . Acesso em: 30 abr. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.982, de 02 de abril de 2020b. Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, para dispor sobre parâmetros adicionais de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de elegibilidade ao benefício de prestação continuada (BPC), e estabelece medidas excepcionais de proteção social a serem adotadas

durante o período de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19) responsável pelo surto de 2019, a que se refere a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13982.htm . Acesso em: 30 abr. 2021.

CARVALHO Sandro Sacchet de. Os efeitos da pandemia sobre os rendimentos do trabalho e o impacto do auxílio emergencial: os resultados dos microdados da pnad covid-19 de junho. Carta de Conjuntura, [s. l.], n. 48, p. 1-18, jul. 2020. Mensal. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200702_cc_48_mercado_de_trabalho.pdf. Acesso em: 30 abr. 2021.

COMISSÃO Econômica da América Latina (CEPAL). El desafío social en tiempos del Covid-19. Santiago de Chile, Informe Especial n. 3, mai. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3aFnANK> . Acesso em: 30 abr. 2021.

DINERSTEIN, A. The Politics of Autonomy in Latin America The Art of Organising Hope. [s.l.]: Palgrave Macmillan, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/9781137316011>. Acesso em: 30 abr. 2021.

KOOPS, W., KESSEL, F. Developmental psychology without positivistic pretensions: An introduction to the special issue on historical developmental psychology. European Journal of Developmental Psychology, v.14, n. 6, p. 629-646, 2017. Disponível em [10.1080/17405629.2017.1382344](https://doi.org/10.1080/17405629.2017.1382344). Acesso em: 30 abr. 2021.

LUTE como uma menina. Direção: B. Alonso, F. Colombini. 2016 (77 min), son., color. Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/8OCUMGHm2oA> . Acesso em: 09 abr. 2021

SALES, A. Militância e ativismo: cinco ensaios sobre ação coletiva e subjetividade. Editora Unesp, São Paulo, 2021.

SALES, A. L. L. de F., FONTES, F. F., YASUI, S. Para (re)colocar um problema: a militância em questão. Temas Em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 26, n. 2, p. 565-577, 2018.

SALES, A. L. L. de F., VIANNA, E., FONTES, F. F., YASUI, S. Prefigurative Brazilian activism through the lens of the transformative activist stance: renewing radical political imagination through “collectivudal” agency. Mind, Culture, and Activity, v. 27, n.3, p. 277-291. Disponível em: [10.1080/10749039.2020.1740935](https://doi.org/10.1080/10749039.2020.1740935). Acesso em: 30 abr. 2021.

SAUNDERS, Clare. Activism. In.: The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social & Political Movements. [s.l.]:[s.n], 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9780470674871.wbepmo02>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SCHULMAN. S. Let the Record Show: A Political History of ACT UP New York, 1987-1993. Farrar, Straus And Giroux, 2021.

STETSENKO, A. Putting the Radical Notion of Equality in the Service of Disrupting Inequality in Education: Research Findings and Conceptual Advances on the Infinity of Human Potential. *Review of Research in Education*, [s.l.], v. 41, n.1, p 112-135, 2017.

STETSENKO, A. Radical-Transformative Agency: Continuities and Contrasts With Relational Agency and Implications for Education. *Frontiers in Education*, [s.l.], v.4, 2019.

STETSENKO, A. The transformative mind : expanding Vygotsky's approach to development and education. Cambridge University Press, 2017.

STETSENKO, A. Critical Challenges in Cultural-Historical Activity Theory: the Urgency of Agency. *Kul'turno-istoricheskaya psikhologiya = Cultural-Historical Psychology*, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 5-18, 2020. Disponível em: [doi:10.17759/chp.2020160202](https://doi.org/10.17759/chp.2020160202). Acesso em: 30 abr. 2021.

STETSENKO, A. Transformative Activist Stance for Education. In: Corcoran T. (eds) *Psychology in Education*. Rotterdam: SensePublishers, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-6209-566-3_12 Acesso em: 20 Jan. 2022.

STETSENKO, A. O desafio da individualidade na Teoria da Atividade Histórico-Cultural: dialética “coletividade” a partir de um posicionamento ativista transformador. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 17, e2219943, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> Acesso em: 20 Jan. 2022.

VYGOTSKY, L. S. Imagination and Creativity in Childhood. *Journal of Russian & East European Psychology*, v.42, n. 1, p.7- 97, 2004. Disponível em: [10.1080/10610405.2004.11059210](https://doi.org/10.1080/10610405.2004.11059210). Acesso em: 30 abr. 2021.

WORLD Economic Forum. Emerging Pathways towards a Post-COVID-19 Reset and Recovery. Disponível em: <https://bit.ly/2ZWXDno>. Acesso em: 30 abr. 2021

